Check Point Threat Extraction secured this document Get Original

"JÁ ÉRAMOS CONVERTIDOS ANTES DO MISSIONÁRIO CHEGAR": OS IKÓLÓÉHJ GAVIÃO DE RONDÔNIA E O CRISTIANISMO PROTESTANTE

Lediane Fani Felzke[1]

RESUMO

Os Ikólóéhj Gavião, moradores da Terra Indígena Igarapé Lourdes, localizada na Amazônia Meridional, em Rondônia, convivem de forma intermitente com seringueiros desde os anos 1940, mas a partir de meados da década de 1960 estabeleceram contato permanente com funcionários do SPI/FUNAI e com missionários protestantes que passaram a residir entre eles. O contato interétnico, a lógica ocidental e os ensinamentos cristãos alteraram o modo como o xamã – principal intermediador entre os homens e os seres (in)visíveis que compõem a complexa cosmologia Ikólóéhj – passou a conduzir os rituais de pajelança. Seu estatuto enquanto conhecedor do mundo espiritual passou a ser questionado pela pregação cristã. Proponho, neste trabalho, levantar algumas questões sobre o significado desta pregação para este povo, especialmente no que diz respeito ao papel do xamã. Prevalece entre os indígenas o entendimento de que os ensinamentos cristãos são uma continuidade das práticas sociais, das orientações xamânicas e do ideal de vida Ikólóéhj, qual seja, a busca incessante de uma boa conduta e o cultivo de relações harmoniosas entre si e com o outro. Este entendimento, no entanto, é combatido pelos crentes mais envolvidos com as atividades missionárias que enfatizam, nas suas pregações, a ruptura com o passado, com as atividades xamânicas e a desqualificação do xamã. Neste caso, rejeita-se as festas tradicionais, a atuação do xamã e, consequentemente, a relação com os seres (in)visíveis que habitam o cosmos. Deparamo-nos, portanto, com duas concepções em relação ao cristianismo que se desdobram em várias outras, a depender da geração, do lugar de fala e da posição do interlocutor.

Palavras chave: Ikólóéhj Gavião. Cosmologia. Cristianismo.

---

[1] Doutoranda PPGAS/DAN/UnB, docente do Instituto Federal de Rondônia.

1. INTRODUÇÃO

Este texto traz alguns dados de campo que dizem respeito a presença de missões protestantes em terras indígenas. São subsídios iniciais que ainda não passaram por uma reflexão mais profunda à luz das teorias da etnologia indígena, mas que suscitam questões interessantes sobre este tema. Neste sentido, minha intenção é compreender os diferentes sentidos que os ensinamentos cristãos assumem para os Ikólóéhj em 50 anos de presença missionária na sua terra.

Este povo soma cerca de 600 indivíduos pertencentes a família linguística Mondé[2], tronco Tupi, que habitam, juntamente com os Arara Karo, a Terra Indígena (TI) Igarapé Lourdes, município de Ji-Paraná, estado de Rondônia, divisa com o estado de Mato Grosso, na Amazônia meridional. Foram citados nos primeiros registros oficiais em 1955[3] (SCHULTZ, 1955). Seu contato com os brancos, no entanto, remonta o período do 2º Ciclo da Borracha, nos anos 1940, quando travaram contato com os seringueiros do Seringal Santa Maria, nas margens do rio Machado, intermediados pelos Arara Karo que habitavam aquela região.

Os "mais velhos"[4] explicam que suas malocas se localizavam, desde tempos imemoriais, à margem esquerda do rio Branco (MT) e seus tributários. Eram vizinhos dos Pangyjej (Zoró) e próximos dos locais de perambulação dos Paiter Suruí e Cinta Larga. A aproximação com estes grupos, e as consequentes guerras provenientes daí, fez com que os Ikólóéhj se afastassem do Rio Branco e procurassem locais mais seguros no vale entre o rio Branco e a Serra da Providência. Estima-se que este deslocamento tenha se iniciado nas décadas iniciais do século XX. Quando principiaram sua inserção no mundo dos brancos, suas aldeias estavam estabelecidas na face leste da Serra da Providência, região que hoje é conhecida como Vale da Providência.

Às visitas constantes aos seringais nas margens do Machado seguiram-se visitas de seringueiros, caucheiros e forasteiros às aldeias na Serra da Providência. O contato com os brancos se intensificou nos anos seguintes e com ele se avolumaram os casos de

[2] A família Mondé do tronco Tupi engloba as etnias Aruá, Cinta-Larga, Gavião, Suruí e Zoró, além dos grupos Salamãy e Mondé atualmente extintos.

[3] Nas pesquisas de arquivo realizadas por mim na sede da FUNAI em Brasília e no Museu do Índio no Rio de Janeiro não localizei os documentos relativos a expedição que levou o etnólogo Harald Schultz aos Ikólóéhj, a serviço do SPI. O artigo "Vocábulos Urukú e Digüt" publicado por Schultz em 1955 no *Journal de la societé des Americanistes* é a única informação escrita que dispomos até o momento sobre este encontro dos Gavião com o SPI.

[4] "Mais velhos" trata-se de uma categoria nativa que diz respeito aos idosos. Fui orientada pelos Ikólóéhj a buscar informações junto aos "mais velhos" durante minha pesquisa de campo.

sarampo e tuberculose. Muitas mortes são relatadas neste período, entre os anos 1940 e 1960. As desejadas mercadorias dos brancos foram obtidas inicialmente pelos trabalhos realizados no Seringal Santa Maria. Até que algumas famílias foram convencidas a sair da Serra da Providência para se estabelecer nas proximidades do Rio Machado, mais próximo aos seringais, com a promessa de acesso fácil às mercadorias dos brancos, inclusive remédios.

As famílias dos *Zavidjajéhj*[5] abriram e fizeram suas malocas às margens do rio Lourdes. Foram nessas aldeias que em 1965 os missionários da Missão Novas Tribos do Brasil (MNTB) e, no ano seguinte, os funcionários do Serviço de Proteção (SPI) encontraram residindo parte dos Ikólóéhj Gavião. Destes novos locais, ampliaram a relação com seringueiros e marreteiros que se desenrolaram de forma bastante assimétrica como já foi amplamente estudado por vários pesquisadores do contexto amazônico.

Apesar de saber da existência deste povo desde pelos menos 1955, foi apenas em 1966 que o SPI começou a atuar de forma mais significativa junto a eles enviando um funcionário para atendê-los. Naquele mesmo ano os missionários também passaram a residir de forma mais definitiva na aldeia. Estimados em mais de 600 indivíduos antes do contato, estavam reduzidos a menos de 100 pessoas quando da instalação da missão e do SPI.

Em 1974 a FUNAI interditou a área para fins de estudos, dando início assim ao processo que culminou com a homologação da TI Igarapé Lourdes pelo decreto nº. 88.609 de 09/08/1983. A despeito da demarcação, tiveram suas terras invadidas por colonos oriundos de outras regiões do país e empreenderam inúmeras lutas para expulsar estes invasores entre 1984 e 1985.

A MNTB, presente há 50 anos entre os Ikólóéhj é o braço nacional da agência norte americana New Tribes Mission (NTM), sediada em Stanford (EUA). De orientação protestante, esta agência missionária foi fundada em 1942 por Paul Fleming, no contexto da expansão dos conceitos fundamentalistas[6] conservadores que faziam frente às tendências liberais e ecumênicas de algumas igrejas evangélicas. No último quartel do século XX o sentimento proselitista dos fundamentalistas se fortaleceu. A partir do slogan "a evangelização do mundo nesta geração", se preocuparam com a

[5] Chefes/donos de maloca.
[6] O protestantismo fundamentalista diz respeito a uma interpretação literal dos escritos bíblicos em oposição ao protestantismo liberal que se utiliza de uma exegese contextualizada.

criação de inúmeros Institutos Bíblicos para a formação de missionários que passaram a ser enviados a vários países. Foi neste contexto institucional que chegaram ao Ikólóéhj. A interlocução inicial ocorreu com um jovem índio que falava português razoavelmente devido à convivência com os seringueiros desde a infância. Em uma entrevista concedida Nóbrega (2008), um dos missionários relembrou esta viagem:

> Em janeiro de 1965 fizemos a primeira visita ao povo Gavião, que contavam naquele tempo com 97 pessoas, no total. Hoje é seis vezes esse tanto, mais ou menos. Multiplicou seis vezes. Antes desse tempo, foi um povo dizimado pela gripe, sarampo, tuberculose. Matou muito. Realmente chegamos tarde. Mas pelo menos a tribo não foi extinta e está crescendo muito hoje[7].

O jovem contatado à época relatou que quando viu aquele homem branco pela primeira vez imaginou tratar-se de um marreteiro, mais um dentre os inúmeros que percorriam os igarapés da região trocando mercadorias industrializadas por borracha ou por outros produtos da floresta coletados pelos índios como pele de animais. Ele ficou surpreso com a fala do missionário e a repetiu para mim: "eu não vim comprar pele, nem ouro, nem borracha, nem vender nada, eu vim falar pra vocês de Deus, vim mostrar uma vida muito melhor". Os missionários foram acolhidos e conduzidos até outras malocas.

Há semelhanças na forma como os distintos grupos de missionários protestantes se estabelecem nas sociedades ameríndias que se traduzem na ideia de *missão transcultural*, conceito adotado nas escolas preparatórias de missionários evangélicos. No centro deste conceito encontra-se a noção de que todos os povos possuem na sua "cultura" uma dimensão sagrada que pode ser traduzida como uma "ideia de Deus" e que o trabalho missionário consiste basicamente em encontrar essa "ideia" e traduzi-la nos termos da pregação cristã. Além disso, o conceito de missão transcultural traz no seu bojo a percepção de que as concepções cristãs são "verdadeiras e universais, logo, compreensíveis a qualquer diferença cultural" (ALMEIDA, 2006, p.281). Para essa compreensão a principal estratégia é a tradução da bíblia para a língua nativa trabalho no qual os missionários ainda encontram-se empenhados.

Na maioria dos casos houve uma acolhida amistosa das missões protestantes que se estabeleceram entre os indígenas no Brasil desde a década de 1940 e entre os Gavião não foi diferente. Diante da fragilidade que este povo se encontrava em decorrência dos

[7] Entrevista concedida à pesquisadora da UNICAMP, Renata Nóbrega, em 2007, por ocasião da sua pesquisa sobre a construção da barragem P-14 no Rio Machado que foi impedida pelos índios. Sua pesquisa resultou na Dissertação de Mestrado em Sociologia, "Contra as invasões bárbaras, a humanidade" defendida em 2008.

surtos de sarampo e tuberculose causados pelo contato interétnico, a possibilidade de cuidados por parte de brancos que conheciam as doenças frente as quais os rituais do xamã, o *vaváh*[8] não surtia o efeito desejado, foi bem recebida. Os *vaváhéj*, no entanto, permaneceram como os grandes sabedores dos conhecimentos espirituais e assim são considerados por muitos ainda hoje.

2. O *VAVÁH* XÍPO SÉGÓHV, SEU FILHO DJÉREN E JESUS CRISTO

"Isso é coisa de *vaváh*", "*vaváh* é que sabia", "só pajé sabe", "*vaváh* que dizia né", "*vaváh* que ensinava essas coisas", "ele é que conhece mesmo", "só ele é que sabe". Estas e outras variantes semelhantes foram as frases mais ouvidas por mim durante meu trabalho de campo entre os Ikólóéhj. Como recebi dos indígenas a incumbência de "registrar as histórias dos antigos", comecei a conversar com as pessoas sobre os mitos, os xamãs e tudo que envolvesse a relação dos indígenas com a natureza, a sobrenatureza, a morte e outras questões de ordem espiritual. Mas invariavelmente as perguntas mais detalhadas eram respondidas com as frases acima. E junto com ela as informações sobre o mais poderoso *vaváh* que se tem notícia, Xípo Ségóhv, denominado muitas vezes como *vaváh tére* (verdadeiro xamã) ou *vaváh póhj* (grande xamã).

Xípo Ségóhv era *vaváh* desde jovem, e já era respeitado como tal quando os brancos (missionários da MNTB e funcionários do SPI/FUNAI) se estabeleceram na aldeia Igarapé Lourdes. Mas sua consagração como *vaváh tére* e *vaváh póhj* ocorreu após ter apresentado sua família espiritual[9], que habitava o céu (*Garpi*), para seus parentes aqui na terra. Tal atitude inovou a forma de se relacionar com o mundo espiritual em um momento de contato mais intenso com as práticas civilizatórias de funcionários do Estado brasileiro e de missionários protestantes estrangeiros. Os relatos feitos por parentes crentes *vaváh* explicam como esta inovação foi percebida na aldeia. Um dos sobrinhos (*zèrar*) de Xípo Ségóhv explicou:

> Naquele tempo, quando ele [Xípo Ségóhv] morava lá no Zav Póhj [aldeia localizada na Serra da Providência] não tinha nascido *Djerén* [filho com a mulher espírito], que era filho dele como filho de gente mesmo. Ele estava no Zav Póhj e não tinha nascido ainda. Foi aqui no Lourdes [aldeia criada após o

[8] Como são chamados os xamãs Ikólóéhj, *vaváhéj* no plural.
[9] Os xamãs Ikólóéhj eventualmente casam com mulheres-espírito, que habitam o plano celeste, o Garpi, mas a materialização do casamento de Xípo Ségóhv com os *Olixixia* diante do seu povo tornou este enlace emblemático.

> contato com branco] que nasceu o *Djerén*, ele explicou: 'eu tenho menino, filho com *Nabùv*, hoje vou apresentar ele aqui na aldeia'. Ele morava lá na Boboa Váh [aldeia Cachoeira, distante cerca de 4 km da aldeia Igarapé Lourdes], aí ele mostrou *Djerén* só pro filho [humano] dele. 'Hoje vou apresentar irmão de vocês'. Aí à noite eles chegaram. *Djerén* dançou muito ali com seus irmãos. Naquela época meu sogro morava na Serra da Providencia e não tinha acreditado. Não acreditou. O pessoal falou que o filho do Xípo Ségóhv chegou e ficou dançando até amanhecer. No outro dia [tempos depois] meu sogro viu ele [*Djerén*] chegando dançando, aí ele mesmo que viu, aí ele acreditou, ele viu dançando. Porque foi o primeiro pajé que fez isso, nunca nenhum pajé tinha feito isso antes. Moravam no *Garpi* [céu] essas pessoas que estão dançando, não são daqui, são lá do céu. Essas pessoas são lá do céu mesmo que estão vindo. Tempo depois chegou *Vivinho*. Depois *vaváh* disse, 'hoje vou apresentar a mãe de vocês, *Nabùv*'. Ela chamava a esposa [humana] de Xípo Ségóhv de irmã, e elas dançavam junto. Todo mundo dançava, 'eu quero que vocês todos dancem comigo' dizia *Nabùv*. Não era direto não. Não era qualquer noite não. Só dia de festa. À noite. Era só quando ele convidava, ele estavam vindo mesmo na festa. Aí o povo viu e acreditava. Nunca tinha acontecido antes. É o primeiro pajé que fez isso. Os outros pajés passavam só noticia. Xípo Ségóhv trazia mesmo, nunca outro pajé fez isso igual ele, 'é pessoa do céu que estou apresentando pra vocês hoje'. Era pessoa mesmo, só que era cabeludo, palha de buriti, sem chinelo e chamava a gente pra dançar, sem duvidar. Uma pessoa cara a cara mesmo. Se a gente vê essas coisas a gente acredita mesmo. É uma pessoa mesmo.

Outro parente próximo também se impressionou com o suspense provocado pelos rituais:

> Xípo Ségóhv trouxe eles aqui pro povo. Eu vi lá na Serra da Providência, eu ficava no meio eles onde ele convidou o *Vivinho*. A mulher do meu *zèrar*[10] estava doente essa época, então ele chamou Xípo Ségóhv pra curar ela. O pessoal fez bastante macaloba, alimentação, e foi feito um ritual. Chamou toda a comunidade, fez macaloba boa, mingau de banana. Ele convidou todo mundo e uma noite mandou preparar o pátio, limpou e arrumou os bancos pra todo mundo sentar em círculo, era noite, sem lua também. Aí ele fez ritual, saiu e foi chamar *Vivinho*, eu vi com meus próprios olhos, nesses dias eu peguei confiança mesmo que tem pessoal lá no céu mesmo, ai eu peguei credibilidade com Xípo Ségóhv, que é o cara mesmo, *vaváh póhj* [grande xamã]. A mulher que estava doente foi pro meio, fez *poá* [sopro] nela, assoprou nela e ela curou de uma vez.

"Xípo Ségóhv era crente" dizem os Ikólóéhj. "Ele trabalhava com *Olixixia* e com Deus", afirmam pessoas que foram curadas por ele. Tornou-se extremamente poderoso porque além dos *Olixixia*, conhecia Deus. Quando os missionários protestantes começaram a pregar a doutrina cristã, algumas pessoas foram perguntar para ele sobre a veracidade daqueles ensinamentos. Confirmou para o povo a existência de Jesus Cristo através de seu filho espiritual *Djerén*, "quem conhece mesmo Jesus é *Djerén*", explicou para seus parentes. Sua palavra deu credibilidade aos missionários.

[10] Zèrar é o vocativo para o tio materno (MB), primo cruzado matrilateral (MBS), avô (MF, FF) e sobrinho materno (ZS).

Curiosamente foi o *vaváh*, muitas vezes demonizado pelas pregações missionárias, que contribuiu para a conversão dos Ikólóéhj.

Um parente muito próximo de Xípo Ségóhv explicou que havia perguntado se não era problemático seguir a Jesus e aos *Olixixia* ao mesmo tempo: "Xípo Ségóhv, será que não vai dar problema pro pajé, Jesus e pajelança? Pajelança e Jesus? Ele respondeu: 'não, eu que conheço mais, pessoa comum não vê ele [Jesus]'".

Xípo Ségóhv tornou-se crente muito depois de ser *vaváh* experiente e mesmo em sua condição de crente manteve as relações com sua família *Olixixia*. Com quase meio século de contato, a proximidade do ano 2000 encontrou os Ikólóéhj com elevado grau de intimidade com o mundo dos brancos, que já constituía, naquele momento, seu mundo também. Acabaram sendo atingidos pelos boatos do fim do mundo. Novamente recorreram ao *vaváh tére* para descobrir o que estava acontecendo e ele acalmou os ânimos dos parentes.

> Xípo Ségóhv dizia que perguntou, conversando com *Djerén* [quando ele apareceu], perguntou pra ele 'será que vocês estão sabendo que Jesus vai acabar com o mundo em 2000?'. Aí *Djerén* respondeu: 'estamos sabendo sim, eu sou a primeira pessoa que pode chegar aqui no Ikólóéhj, eu vou trazer notícias se *Gorá* vai acabar com o mundo, eu vou trazer notícias, ele vai avisar nós se vai acabar com o mundo'.

Este interlocutor revelou ainda outra ponderação do *vaváh*:

> Teve um dia que ele [Xípo Ségóhv] me falou assim, 'quem sabe que *Djerén* é Jesus? Quando ele chega - vocês estão vendo - ele parece uma sombra, parece que está atrás de uma cortina, parece que *Djerén* está atrás da cortina pra vocês não verem ele, só está ali. Quem sabe que ele é Jesus, quem sabe que ele é Deus?', por aí a gente pensa, quem sabe que *Djerén* é Deus? Só pode ser, mais ou menos isso, eu não duvido muito.

Outro entrevistado confirmou que "ele falava pra gente que o *Djerén* é o primeiro que vai avisar os Gavião se o mundo for acabar. Ele vai descer antes dos anjos pra avisar que Jesus está vindo, podemos ficar tranquilos". Um parente descreveu da seguinte forma a atuação de Xípo Ségóhv e de sua família espiritual:

> Os *Olixixia* são um tipo de anjos de Deus, tem uma espada tipo fogo que corta rapidinho, essas espadas eles têm pra defender o povo, matar os *pahxoahv*[11], são os protetores do povo. Xípo Ségóhv trouxe eles aqui para o povo. Eu vi lá na Serra da Providência, eu ficava no meio eles onde ele convidou o *Vivinho*[12]. A mulher do meu tio estava doente essa época. Meu avô chamou Xípo Ségóhv pra curar ela. Onde o pessoal fez bastante macaloba[13], alimentação, onde foi feito um ritual. Chamou toda a comunidade, fez macaloba boa, mingau de banana, ele convidou todo mundo e uma noite mandou preparar o pátio, limpou e arrumou os bancos pra todo mundo sentar em círculo, era noite, sem lua também, aí onde ele fez ritual,

[11] Espíritos da floresta, ameaçadores aos Ikólóéhj.
[12] É o segundo filho *olixixia* de Xípo Ségóhv, o primogênito é *Djerén*.
[13] Chicha, bebida feita de milho, cará, mandioca, banana entre outros.

> saiu e foi chamar *Vivinho*, eu vi com meus próprios olhos, nesses dias eu peguei confiança mesmo que tem pessoal lá no céu mesmo, ai eu peguei credibilidade com Xípo Ségóhv, que é o cara mesmo, *vaváh pohj*. A mulher que estava doente foi pro meio, fez *poá*[14] nela e ela curou de uma vez.

Diante da possibilidade do povo ver, ouvir, sentir, tocar e dançar com a família espiritual do *vaváh,* não havia como negar sua existência e seu cuidado. Os antigos *vaváhéj* realizavam seus trabalhos, seus rituais, sem necessidade de promover verdadeiros encontros entre pessoas deste e do outro plano. Depois dele, nenhum outro repetiu a experiência. Desta forma Xípo Ségóhv reafirmou seu ofício xamanístico em uma época em que a aproximação com o mundo dos brancos questionava as relações sociais dos Gavião com os seres (in)visíveis, tanto na forma de ceticismo, comum entre os agentes do Estado, quanto na forma de demonização, própria dos missionários protestantes. De uma ou de outra forma, por ceticismo ou por demonização, o trabalho dos *vaváhéj* estava sendo desqualificado.

Tal processo não é exclusividade dos Ikólóéhj e nem seus xamãs os únicos a serem atingidos. Situações homólogas, nas terras baixas sul-americanas, foram vivenciadas pelos Waiwai (HOWARD, 2002), Baniwa (WRIGHT, 1999), Wari' (VILAÇA, 1999), Tiriyó (FAJARDO P, 1999), Waiãpi (GALLOIS & GRUPIONI, 1999), Palikur (CAPIBERIBE, 2004, 2006) e muitos outros povos, cujos xamãs foram alvo constante das pregações dos missionários protestantes e/ou da influência dos agentes do Estado. Cloutier (1988) argumenta que para os Zoró o acesso aos saberes espirituais, antes restritos aos xamãs, a todos convertidos, contribuiu para a aceitação do cristianismo. É possível que esta mesma razão tenha influenciado os Ikólóéhj.

Inédita parece ter sido a resposta de Xípo Ségóhv para a situação que se mostrava adversa em vários sentidos. O impacto da situação de contato trouxe novas demandas aos Ikólóéhj, o que levou grupos familiares a se concentrar em torno do Posto Indígena Igarapé Lourdes para facilitar o acesso aos tratamentos de saúde e às mercadorias que passaram a ser indispensáveis. Ao que parece, esta situação atípica para um povo com tendência residencial centrífuga provocou dificuldades nas relações sociais. O tempo de agrupamento na aldeia Igarapé Lourdes, que se tornou a aldeia central, é lembrado por alguns como um tempo de muitos conflitos envolvendo famílias.

[14] Assoprou sobre ela.

Neste contexto de rápidas transformações, Xípo Ségóhv manteve o equilíbrio das relações sociais, reafirmou seu papel como mediador entre os diferentes planos do cosmos e intercedeu para a aceitação dos ensinamentos cristãos, afirmando ter conhecido Jesus em suas viagens aos *Garpiéhj*. Este último aspecto reforça o entendimento dos indígenas que entendem a pregação cristã com uma continuidade do que era ensinado pelos *vavá̱héj* e pelos "mais velhos"[15]. O reconhecimento do filho *Olixixia* de Xípo Ségóhv como amigo de Jesus, aquele que é próximo dele lá no *Garpi*, "o único filho crente lá do céu", indica que, pelo menos para uma parcela dos Ikólóéhj, Jesus e *Djéren* atuavam em uma mesma chave lógica, trazer cura, aliviar o sofrimento, interceder junto aos seres (in)visíveis. Como o xamã mesmo afirmou, "quem sabe *Djerén* é Jesus?". O xamã não via oposição em andar com Jesus e com os espíritos *Olixixia*. Este entendimento, no entanto, não é consensual. Outros indígenas, ligados aos cargos de liderança da Igreja Evangélica Gavião, afirmam que Xípo Ségóhv "servia a dois senhores", referindo-se a Deus e aos espíritos *Olixixia*, identificados como Satanás.

Os distintos estatutos dos *Olixixia* para os Ikólóéhj é uma questão a ser pensada. Interessante que *Djerén* é identificado por alguns como anjo de Deus, por outros como Jesus Cristo e por outros ainda como Satanás. Ambos os interlocutores se dizem crentes e afirmam reconhecer Jesus Cristo como o filho de Deus que morreu pelos pecadores para conceder o perdão e o céu para os que creem nele. Apesar deste discurso, coerente com a doutrina cristã, o significado que "ser crente" adquiriu para os Ikólóéhj parece estar descolado do significado anunciado pelos missionários.

Vilaça (1999) já havia percebido que, no caso dos Wari', é exatamente a noção de "crença" que distancia a comunicação dos missionários do entendimento indígena. O significado de "crença" para os Wari' é o oposto do que significa para o mundo ocidental. Enquanto para os missionários crer está relacionado a algo que não se vê e não se experimenta, para os índios, crer significa ver, conhecer e experimentar.

Depois de uma efervescência na atuação dos *vavá̱héj* entre os anos 1970 e 2000 houve um recrudescimento das práticas xamanísticas nos últimos tempos, a ponto de algumas pessoas afirmarem que eles não deixaram substitutos e, sendo assim, não há mais xamãs. No entanto, tal informação não se confirma. Há, pelo menos, um *vavá̱h* reconhecido pelos Ikólóéhj, e outros considerados aprendizes, que não concluíram seu aprendizado até a morte de Xípo Ségóhv.

[15] São chamados de "mais velhos" as pessoas que atingiram o auge de sua humanidade, são conhecedores das histórias e capazes de aconselhar os jovens.

O fato é que, mesmo estando presentes, os *vaváhéj* mantem-se invisíveis. As pessoas, por sua vez, falavam sobre o *vaváh* de forma sussurrada, em tom de segredo, como se tivessem descumprindo alguma regra. Tendo a compreender este comportamento como uma resposta ao entendimento que enfatiza a ruptura com o passado, com as atividades xamânicas e a desqualificação do xamã.

Os mais de 60 anos de contato interétnico oficial e os 50 anos de evangelização protestante permitiram que os preceitos do cristianismo tomassem uma dimensão importante sobrepondo-se, em certos sentidos, à cosmologia Ikólóéhj. Atualmente os jovens conhecem com maiores detalhes as histórias da bíblia do que as histórias dos *vaváhéj*. Mas não houve literalmente uma substituição, pelo menos não para a totalidade dos que se consideram crentes, houve antes uma ampliação das possibilidades de se relacionar com o mundo espiritual a partir de novos elementos. Mesmo que as festas que traziam os espíritos *Gojanéhj*[16] e *Garpiéhj*[17] estejam em suspenso e haja uma tentativa dos *vaváhéj* de substituir suas capacidades xamanísticas por uma relação exclusiva com Jesus Cristo, o que se escuta nas conversas que correm em segredo é que, pelo menos um dos *vaváhéj* ainda "faz *póá*", ou seja, assopra sobre o doente para curá-lo.

Os dons do *vaváh* parecem ser inevitáveis. Alguns anos atrás, um *vaváh* desmaiou em uma festa tradicional promovida com fins pedagógicos pela escola. Era uma demonstração para os alunos indígenas de como eram as festas antigamente. Seu desmaio foi provocado por *Gorá Tíh*, o espírito do próprio Deus. Não obtive maiores detalhes do episódio. Soube, no entanto, que outro *vaváh* estava presente e conseguiu reverter a situação, trazendo-o de volta a vida, afinal quem desmaia morre um pouco. Um *vaváh* precisa ter outro para agir. Ficar sozinho pode ser perigoso, corre o risco de não voltar das viagens espirituais.

A maioria dos Ikólóéhj se considera crente, frequenta os cultos e as festas da igreja e muitos não veem incompatibilidade dos ensinamentos cristãos com as práticas xamânicas. Os *vaváhéj* também são crentes, participam dos cultos, das festas cristãs e explicitam sua condição crente em reuniões públicas com os não-índios.

Esta condição é perfeitamente compatível e invariavelmente Xípo Ségóhv é citado como exemplo de *vaváh* que conhecia e respeitava Jesus Cristo. "Xípo Ségóhv não mentia não, era *vaváh* de verdade, trabalhava com espíritos, mas trabalhava com

[16] Espíritos que habitam o plano aquático, donos das águas.
[17] Espíritos que habitam o *Garpi*, o céu.

Deus também, não mentia não" confirma um importante crente Ikólóéhj. "Xípo Ségóhv era *vaváh* poderoso mesmo porque ele trabalhava com Deus" ouvi de outro crente. Um homem fez a seguinte comparação: "Não tem esses pastores que fazem milagres, que fazem paralítico andar? Pois é, Xípo Ségóhv era desse jeito, era como um pastor poderoso". A analogia entre o *vaváh* e o pastor que cura indica que ambos são reconhecidos como intermediadores entre os homens e o mundo sobrenatural. Este é o entendimento de muitos embora a pregação oficial que prevaleça seja a da ruptura com um passado xamânico considerado "caminho para o inferno".

3. DIFERENTES ENTENDIMENTOS ACERCA DOS ENSINAMENTOS CRISTÃOS

Em 2006, os líderes indígenas da igreja passaram a introduzir uma nova forma de culto, trazendo as danças para dentro das celebrações cristãs, tais como o Natal. Diferentemente das festas tradicionais, as festas da igreja não contam com macaloba azeda (chicha) e as danças são executadas ao som de canções cristãs. Os missionários consideram este ano como o "divisor de águas" no trabalho evangelístico, pois foi nesta época que a maioria dos Ikólóéhj aderiu à igreja.

A partir de então, as danças – bem como as pinturas corporais, os adornos plumários e os colares de contas de tucumã – que a princípio eram vistos como inapropriados e pecaminosos, por estarem associados às festas dos *Gojanehj* e *Garpiéhj*; foram introduzidas nas celebrações mais importantes como uma manifestação de adoração ao Deus cristão. Os cultos da igreja nas datas especiais passaram a ser chamados de festas e as comemorações natalinas passaram a ser a principal festa do ano com danças até o amanhecer. Pude acompanhar duas vezes os festejos natalinos na aldeia Ikólóéhj.

No Natal de 2013, entre os dias 21 e 26 de dezembro, cerca de 600 índios, não apenas Gavião, mas Zoró, Arara, Suruí e 50 indígenas Wari' da aldeia Rio Sotério (TI Pacaás Novos) de Guajará Mirim reuniram-se na aldeia Ikólóehj. Naqueles dias cantaram, oraram e dançaram todas as noites ao som dos "grupos de louvor" indígenas. As canções foram entoadas nas línguas Gavião, Zoró, português e Wari'.

Em 2014, o Natal na aldeia Ikólóéhj foi festejado apenas pelos moradores locais e de algumas aldeias próximas. Alguns participantes consideraram esta festa desanimada porque não congregou um número tão grande de pessoas como no ano

anterior. Desta vez foram os Zoró que sediaram uma grande celebração natalina na TI Zoró, mas poucos Gavião puderam prestigiar a festa dos vizinhos. A estrada estava em péssimas condições devido ao período chuvoso e havia dificuldade de transporte. Os que não foram argumentaram que não queriam "passar trabalho" na estrada com atoleiros e chuva e que, por isso, preferiam ficar na aldeia. Um grupo de 50 pessoas foi retribuir a visita feita pelos Wari' no ano anterior. O ônibus lotado foi da TI Igarapé Lourdes, Ji-Paraná até Guajará Mirim, fronteira com a Bolívia, levando os crentes para participar da festa de Natal na Terra Indígena Pacaás Novos.

Nas festas da igreja, as danças em círculo e o chocalho no tornozelo de alguns homens se assemelham as danças realizadas com as flautas *totorav*, instrumento utilizado nas festas tradicionais. Ao comentar com alguns indígenas a semelhança com as danças das festas tradicionais recebi a afirmativa: "é isso mesmo, essa é a ideia". Geralmente os homens adultos realizam a "abertura" da dança. Poucas vezes vi mulheres tomando essa iniciativa.

A dança ocorre nos intervalos entre as pregações da "palavra de Deus" e também depois do encerramento das prédicas. Nem todos dançam, muitas pessoas ficam assistindo à performance dos dançarinos, algumas se ausentam mais cedo e algumas poucas não comparecem à celebração. Sem dúvida a festa é um acontecimento poderoso em termos de atração e novidade. Um grupo considerável dança até o raiar do dia. É motivo de orgulho dizer que conseguiu dançar até às 6 horas da manhã. Nas conversas do dia seguinte à festa um dos assuntos preferidos é comentar até que horas a pessoa "aguentou" ficar dançando.

Cada festa dura vários dias, a mais recente, a comemoração relativa aos 50 anos de evangelização que ocorreu oficialmente dos dias 6 a 8 de fevereiro de 2015, iniciou-se doze dias antes. Naquelas noites, depois dos preparativos diários (limpeza do ambiente, construção de tapiris, transporte de lenha, ensaio dos grupos, compra de alimentação, idas à roça para buscar milho, entre outros afazeres), os mais empolgados se reuniam para dançar, muitas vezes passavam da meia-noite.

Nesta última festa, as pregações dos indígenas enfatizaram a ruptura dos Ikólóéhj com o modo de vida "de antigamente", com os rituais dos *vaváhéj*. Um destes discursos dizia que os Ikólóéhj viviam sob o domínio de Satanás e do *vaváh*, quando a palavra de Deus chegou. Diferente das entrevistas dirigidas a mim, em particular, que prestigiam os *vaváhéj*, este discurso, realizado para um grande público, com várias etnias e não índios presentes, demarca o posicionamento de alguns crentes,

especialmente os que ocupam posições de prestígio na igreja, que são líderes De acordo com estes eles, em oposição ao estado infernal em que viviam, a chegada da "palavra de Deus", tornou a vida mais harmoniosa, sem conflitos e sem brigas.

O discurso do pregador Ikólóéhj diz respeito ao que Wright (2004) já havia percebido entre os Baniwa. Para além das transformações que a evangelização provoca, ela funda um "novo social". Sobre este "novo social", ele propõe três argumentos, quais sejam, a conversão como reforma moral e política, a conversão como reforma do cotidiano e a conversão em seu caráter de fidelidade. O primeiro aspecto é baseado nos discursos indígenas e de missionários de que a cristianização operou a superação de antigas relações violentas com outros povos, ou seja, uma espécie de superação da predação através da atitude cristã fraterna para com os antigos inimigos. Este discurso é frequente na Amazônia Meridional, pude ouvir dezenas de vezes que a convivência pacífica entre Gavião, Zoró, Suruí e Cinta Larga só se tornou possível pela conversão destes povos ao evangelho. Da mesma forma a eliminação dos rituais de pajelança os tornaram mais pacíficos, pois deixaram de desejar vingança. Na equação da pacificação, o contato interétnico, a atuação da FUNAI e a demarcação das terras indígenas não são computados.

No que diz respeito à conversão enquanto "reforma do cotidiano", tal questão está muito próxima daquilo que Vilaça (1999, 2007, 2008) observou entre os Wari', que a adesão ao cristianismo constituiu muito mais um "encontro de sociologias" na medida em que a ênfase se dirige às relações sociais, ao cotidiano. Nos Gavião este aspecto é definidor para identificação de quem é ou não crente. Não beber chicha azeda (*ì sòhn*), não fumar, ser monogâmico, são comportamentos que atuam como diacríticos da conversão, muito embora, diferente dos Wari', entre os Ikólóéhj parece ter havido também um "encontro de cosmologias" como vimos acima.

Por fim, conversão enquanto fidelidade diz respeito aos "tempos festivos" dos povos indígenas. Os "tempos festivos" dos Ikólóéhj, as festas de *Gojanéhj*, do *Garpiéhj Náe*, do *Gov Akáe* e outras, foram substituídas pelos "tempos festivos" cristãos, como o Natal e o aniversário da chegada "palavra de Deus" entre eles.

A despeito dos ensinamentos públicos enfatizando a ruptura com o modo antigo de viver e a instauração de um "novo social", alguns interlocutores defenderam outra posição, a de que os Ikólóéhj Gavião já viviam de uma forma muito próxima ao que é ensinado pela "palavra de Deus", ou como me disse alguém, "a gente já era convertido,

pois já era ensinado a ter boa conduta, a respeitar". Foi desta forma que me explicaram sobre o significado da conversão:

> Eu entendo que a palavra converter vem da pessoa que se arrepende de fazer coisa ruim, de roubar, Gavião não rouba; de ficar bravo com o seu próximo, ficar com raiva, ficar falando mal do outro. A pessoa se converte se não faz mais isso. Nesse sentido os Gavião já eram convertidos, pois isso já faz parte da educação do povo Gavião. Desde pequeno a criança aprende que não pode fazer isso. Ela cresce com essa ideia e já sabe que isso é ruim. Muitos Gavião crescem com essa ideia de não roubar, não falar mal do outro. A conversão não é novidade pra eles. Uma vez eu me lembro da palavra da mãe de um parente, uma idosa, na igreja: **'Eu estou aqui para me inserir na palavra de Deus porque eu não fiz mal nenhum, estou aqui apenas para me inserir, pois eu já sigo isso tudo'.** Aí eu pensei, é isso mesmo, a gente desde pequeno vem crescendo com essa ideia. [Grifo nosso]

Este homem ainda explica que quando o missionário chegou, ele não compreendeu direito o significado das festas para os índios, "na verdade só existiam as festas, e festa para o povo Gavião é alegria. Aí a pajelança, a matança de porco, o ritual de roçada, a derrubada, o missionário achou que isso é demônio, na visão dele, do missionário. Mas não era, era alegria".

Outro interlocutor esclareceu que há uma expressão na língua Gavião que demonstra o ideal Ikólóéhj de convivência:

> *Pazo tá méne pàràhr* significa pessoa de boa conduta, é isso que a gente deseja. As pessoas que tinham isso eram mais respeitadas. A religião é igual à educação que a gente recebia. A ética já existia dentro do povo Ikólóéhj. A religião já pegou parte da educação do Gavião. Pra nós educação não é educação escrita que a gente recebe na escola. A educação pra nós era uma educação que a gente recebia para futuramente viver harmoniosamente com os demais. Recebe do pai pra que a gente se comporte melhor, para interagir melhor com as demais pessoas. Xikóhv Pi Pòh e Sorabáh[18] eram respeitados porque eles tinham essa boa conduta, respeitavam e sabiam conviver bem com todos.

Além disso, os Ikólóéhj já conheciam, através dos ensinamentos do *vaváh*, alguns princípios cristãos que os missionários vieram comunicar. Eles já estavam "no caminho" do paraíso, mas a "palavra de Deus" tornou tudo mais claro e acessível a todos. Era uma questão de, segundo sua avaliação, "endireitar" o que "nossa cultura estava errando", tais como, a eliminação dos bebês considerados filhos dos espíritos e a prática da vingança após os ataques de inimigos.

Um dos crentes mais respeitados da aldeia explicou:

> A gente estava acreditando quando o pajé contava sobre quando a gente morria. A gente acreditava antes da palavra de Deus. Depois missionário estava pregando sobre gente que morre. Onde a gente vai depois de morrer e

[18] Estes homens são considerados os grandes *zavidjajéhj* (chefes de maloca) dos Ikólóéhj, ambos já falecidos.

> depois ele estava pregando sobre isso aí... Ele pregou a palavra de Deus um pouco diferente que o pajé estava contando. Que fala sobre essa gente que morria, paraíso né. Que a gente vai estar lá. É a mesma coisa que pajé contava. Tem local que gente morta para, lugar pra morar e some, o *pàhgóhkàhv* [alma verdadeira] vai ficar lá. Missionário pregou também, tem local onde a gente vai esperar Deus ainda. É mesma coisa. Agora a palavra de Deus conta mais claro ainda. Todo mundo que tá vendo a bíblia, lendo a bíblia também pra gente ver mais claro. **Antes só pajé estava vendo esse lugar, não era todo mundo não. Agora todo mundo tá sabendo, ah tá.** Até meu tio e meu pai [*vaváhéj*] estavam contando sobre isso que tem lugar que a gente fica depois de morrer. É muito pessoal que está lá. Hoje a gente tá vendo, o pessoal crente que morre fica lá esperando até hoje. O paraíso que chama. Local onde o crente fica esperando Jesus buscar o pessoal dele. [Grifo nosso]

Ter boa conduta, respeito com os demais, viver em harmonia, é o ideal de socialidade dos Gavião Ikólóéhj. Este ideal se objetiva em vários aspectos do cotidiano, os cumprimentos prolongados no encontro entre as pessoas, os convites para as festas e sua realização são formas de objetivar a convivência harmônica com os Ikólóéhj das outras aldeias, com os indígenas de outras etnias e também a manutenção de relações harmoniosas com os seres espirituais. É o que ocorria na festa dos *Gojánéhj* (do milho verde) onde o *vavá*h intercedia junto ao *Goján* (dono e doador do milho) para que esse viesse conferir o bom tratamento que os Ikólóéhj dispensavam aos seus "filhos" (as espigas de milho). Assim os Ikólóéhj não corriam o risco de serem "visitados" por *Goján* em hora imprópria, o que causaria um desequilíbrio no cosmos, com forças maléficas agindo na vida dos índios.

Foi este ideal de convivência pacífica que os levou a afastar-se das margens do Rio Branco, no Mato Grosso. Os conflitos com outros povos (Suruí e Cinta Larga) e especialmente a recusa em guerrear com seus parentes Zoró trouxeram os Ikólóéhj cada vez mais para oeste, para a Serra da Providência, afastando-os dos antigos vizinhos. A frase "a gente não guerreava à toa não" reflete bem este ideal.

4. QUESTÕES PARA PENSAR

Para o cristianismo convergiram as expectativas e o ideal Ikólóéhj sobre as relações sociais aqui na terra, mas especialmente sobre a vida após a morte, ou seja, o paraíso. Nele concentrou-se o devir Ikólóéhj. No entanto, parece que há um mal entendido quanto ao que fazer com as experiências com os seres (in)visíveis que não acabaram com o falecimento de Xipo Segohv, mas que continuam acontecendo. A solução encontrada pelos pregadores de relacionar estes seres a Satanás parece não

convencer a uma parte significativa dos crentes. A reflexão de um dos "mais velhos" é esclarecedora: "é isso que impede alguns índios de serem crentes de verdade, sobre Jesus eles só ouvem falar, já os *Olixixia*, muitos viram, muitos foram curados por eles, aí fica difícil".

Possivelmente haja duas lógicas operando, assim como Robbins (2004, p.XXVI) observou do contexto Urapmin, em Papua Nova Guiné: "É um caso em que duas lógicas culturais diferentes estão operando simultaneamente. No caso Urapmim as duas lógicas são indígena e Cristã" (tradução livre). É neste registro que posso compreender a fala de um líder Ikólóéhj sobre o papel da igreja. Ele usou o seguinte argumento para me explicar como percebia os efeitos do cristianismo no seu povo e que os Ikólóéhj, embora crentes, não renunciariam a suas experiências com o mundo espiritual: "Quando você casa com uma segunda mulher, você não abandona sua primeira esposa, pelo contrário, continua cuidando dela até o fim, assim como da segunda. É assim que é!".

Se a conversão dos Ikólóéhj à "palavra de Deus" foi possível porque essa se aproximou, em muitos aspectos, ao ideal de vida indígena, ou seja, uma vida em paz e harmonia com os seus e com o outro; ela não é entendida por muitos como uma renúncia da cosmologia indígena, antes, passou a fazer parte desta cosmologia com Jesus Cristo tornando-se amigo de *Djerén* e dos *vavához*. Ao que parece, no paraíso esperado por muitos Ikólóéhj estarão todos lá, os crentes, os anjos de Deus, os *Olixixia*, e *vavához* e muitos outros.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo de. Traduções do fundamentalismo evangélico. In: WRIGHT, Robin (org.). **Transformando os Deuses:** Igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil. Vol. 2. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2004.

CAPIBERIBE, Artionka. Os Palikur e o cristianismo: a construção de uma religiosidade. In: WRIGHT, Robin (org.). **Transformando os Deuses:** Igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil. Vol. 2. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2004.

CAPIBERIBE, Artionka. Sob o manto do cristianismo: o processo de conversões Palikur. In: In: MONTERO, Paula (org.). **Deus na aldeia:** missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Globo, 2006.

CLOUTIER, Sophie. **Une nouvelle éthique em rupture avec la tradition:** la conversions des Indiens Zoró à l'évangelisme de la Mission Nouvelles Tribus.

Département d'anthropologie. Faculté des arts et de sciences. Université de Montréal, 1988.

FAJARDO PEREIRA, Maria Denise. **Catolicismo, protestantismo e conversão:** o campo de ação missionária entre os Tiriyó. In: WRIGHT, Robin (org.). **Trasformando os Deuses:** os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1999.

GALLOIS, Dominique Tilkin & GRUPIONI, Luis D. O índio na Missão Novas Tribos. In: WRIGHT, Robin (org.). **Trasformando os Deuses:** os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1999.

HOWARD, Catherine. A domesticação das mercadorias: estratégias Waiwai. In: ALBERT, Bruce & RAMOS, Alcida R. **Pacificando o branco:** cosmologias do contato no Norte-Amazônico. São Paulo: UNESP,: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

NÓBREGA, Renata. **Contra as invasões bárbaras, a humanidade:** A luta dos Arara (Karo) e dos Gavião (Ikólóéhj) contra os projetos hidrelétricos do Rio Machado, em Rondônia. Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia, UNICAMP: Campinas, 2008.

ROBBINS, Joel. 2004. **Becoming sinners.** Christianity moral torment in a Papua New Guinea Society. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press.

SCHULTZ, Harald. Vocábulos Urukù e digüt. In: **Journal de la societé des Americanistes.** Nouvelle série. Tome XLIV. Musée de L'Homme. Palais de Chaillot. Place du Trocadero. Paris, 1955.

VILAÇA, Aparecida. Cristãos sem fé: alguns aspectos da conversão dos Wari (Pakaa Nova). In: WRIGHT, Robin (org.). **Transformando os Deuses:** os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1999.

VILAÇA, Aparecida. Indivíduos celestes – cristianismo e parentesco em um grupo nativo da Amazônia. **Religião e Sociedade**. n. 27(1): 11-23, Rio de Janeiro, 2007.

VILAÇA, Aparecida. Conversão, predação e perspectiva. **Mana.** Vol.14, n.1, 2008.

WRIGHT, Robin. O tempo de Sophie: história e cosmologia da conversão baniwa. In: WRIGHT, Robin (org.). **Transformando os Deuses:** os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1999.